

A busca do novo

ARNALDO NISKIER

É natural a existência de grupos de especialistas que examinam as inovações contidas na Constituição de 1988. No capítulo da Educação há uma série de desafios, como a necessidade de erradicação do analfabetismo (se possível em 10 anos), a universalização do atendimento escolar, a melhoria da qualidade do ensino, a formação para o trabalho e a promoção humanística, científica e tecnológica.

Para uma das comissões instituídas no MEC, sob nossa coordenação e apoio do Inep (professor Marcos Formiga), há o convencimento de que os meios usuais não nos levarão a nada, ou seja, será impossível vencer tantas dificuldades sem a utilização de modernas tecnologias educacionais.

A Educação à Distância (EAD) não é propriamente uma novidade em nosso sistema, mas parece ter chegado a hora de sua potencialização. A Lei 5.692/71 previa em seu artigo 26 que "os cursos supletivos serão ministrados em classes ou mediante a utilização de rádio, televisão, correspondência e outros meios de comunicação que permitam alcançar o maior número de alunos".

Algumas medidas chegaram a ser adotadas, mas em nenhuma delas anotou-se o princípio da universalidade. Os projetos foram sempre tímidos e incompletos, além de padecerem de uma incoercível vocação brasileira para a descontinuidade. Não seria, pois, de estranhar que lançássemos um satélite doméstico de telecomunicações, a um custo de 250 milhões de dólares, e que o incrível aparato pouco representasse para a nossa carente educação.

A busca de soluções alternativas para o atendimento das demandas educacionais passa pelo estudo das virtualidades da

Educação à Distância. A escola formal tem uma capacidade limitada de atendimento, que acaba por se restringir às minorias. As majorias permanecem deseducadas ou irão depender de meios supletivos de ensino para suprir a sua escolaridade.

Argumentos apressados, no exame da matéria, descaram o fato de que mesmo os que têm acesso à escola formal poderiam receber um ensino de melhor qualidade se suas aulas fossem enriquecidas com programas auxiliares de rádio, televisão ou ainda materiais impressos de alta qualidade. Acompanhamos experiências do gênero que são feitas na Inglaterra, com grande sucesso, além de ser do nosso conhecimento o que hoje se faz na Bolívia, contemplando o ensino de sete dialetos via televisão. Os resultados têm sido surpreendentes.

Hoje, um número considerável de jovens, na zona rural e no interior, conclui o ensino fundamental e estaciona, à falta de recursos financeiros ou possibilidades de migração para os grandes centros. Mesmo que esses jovens já estivessem na força de trabalho, poderiam frequentar cursos técnicos através dos mecanismos de EAD sem abandonar seu trabalho, aperfeiçoando seus conhecimentos e abrindo novas perspectivas.

Isto sem citar o que pode ser feito em matéria de reciclagem e atualização docente, além de outros profissionais em exercício. Não há dúvida a respeito do que tem como viabilidade o esquema de EAD num país com as dimensões, as características e as carências do Brasil. Resistir a isso não nos parece muito apropriado, embora estejamos de pleno acordo com os cuidados que devam presidir à sua instalação, a fim de que se evite o oferecimento de mais um facilitário que poria a idéia a perder.